



Forte de Albarquel, em Setúbal.



ÍNDICE

II

Prefácio

15

CASTELOS, FORTALEZAS E FORTES
NO LITORAL PORTUGUÊS

101

LINHAS DEFENSIVAS
NOS EIXOS FLUVIAIS

109

EQUIPAMENTOS MILITARES E CIVIS
NOS CASTELOS E FORTALEZAS

127

ARQUITETURA E
DECORAÇÃO MILITAR

141

ARTES DECORATIVAS CIVIL E RELIGIOSA
NA ARQUITETURA MILITAR DO LITORAL

159

MUSEUS MILITARES, CENTROS
INTERPRETATIVOS E COLEÇÕES
DE ARMARIA

169

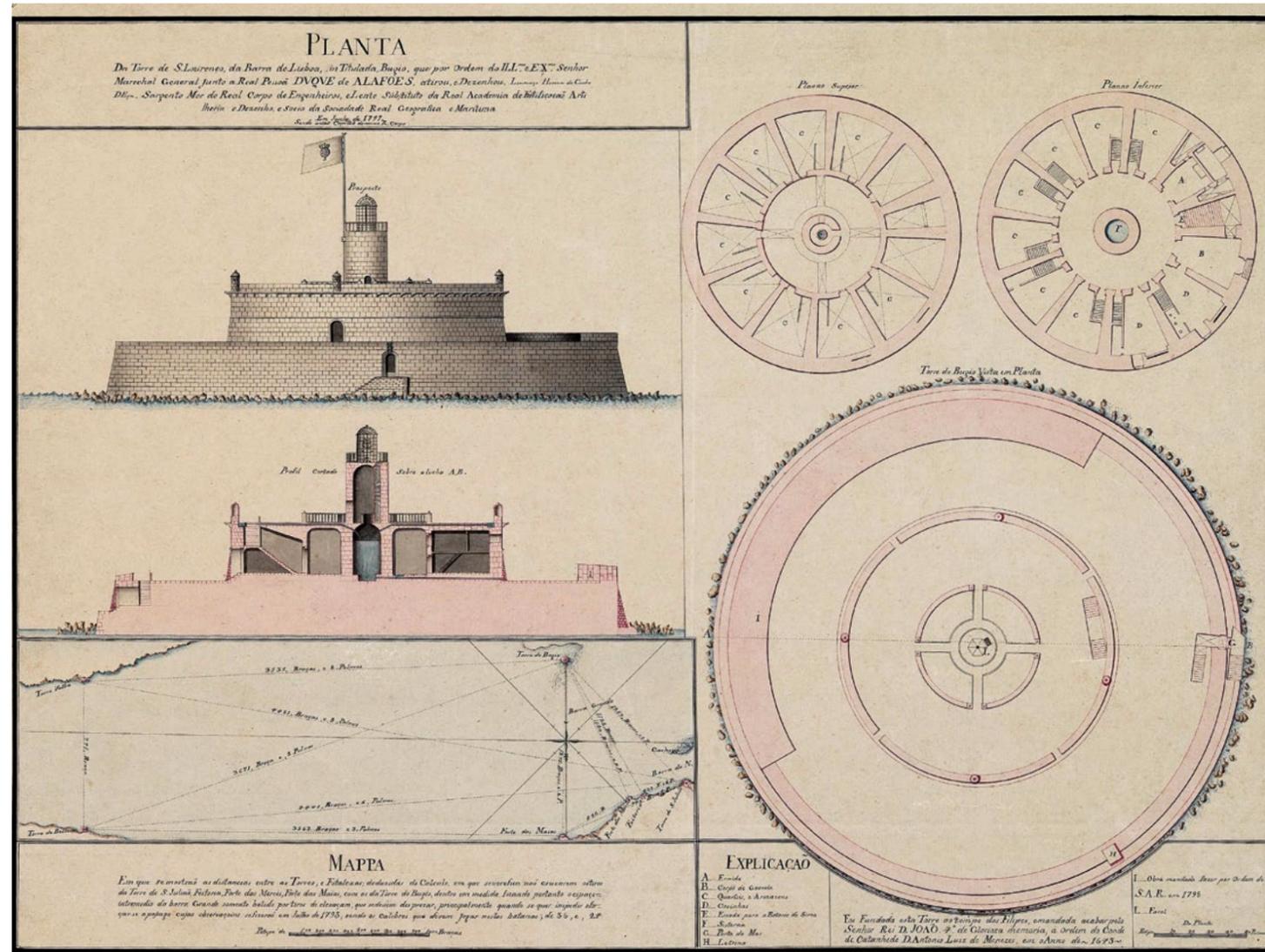
IDENTIDADE MILITAR
NO LITORAL

192

Notas

193

Bibliografia



Torre de São Lourenço do Bugio, no rio Tejo. Lourenço Homem da Cunha, 1797.

Com a paz de sessenta anos pela União Ibérica, entre 1580 a 1640, de um rei para as coroas de Espanha e de Portugal, os castelos do litoral mantiveram a sua importância e supremacia face aos castelos da raia, pois no litoral o perigo espreitava diariamente pelas incursões das esquadras, dos corsários e navios dos reinos com quem Espanha estava em conflito, quer ingleses, holandeses e franceses. O reforço bélico incidiu nas linhas programáticas que vinham desde a Idade Média, tendo como estratégia defensiva os percursos fluviais dos rios Lima, Douro, Mondego, Tejo e Sado, de forte influência nas regiões onde se edificaram núcleos amuralhados do poder régio e das Ordens Militares do Templo, de São João de Jerusalém, de Santiago e de Cristo.

Além do reforço defensivo de algumas estruturas estrategicamente edificadas na linha costeira portuguesa e ao longo do tempo, como o exemplo da Cidadela de Peniche e da Fortaleza de São Julião da Barra, em Oeiras, houve mesmo a necessidade de construções de raiz, como o Forte de São Filipe, em Setúbal, ou o Forte de São Lourenço do Bugio, na ilha da Cabeça Seca, no centro do rio Tejo, em Lisboa.

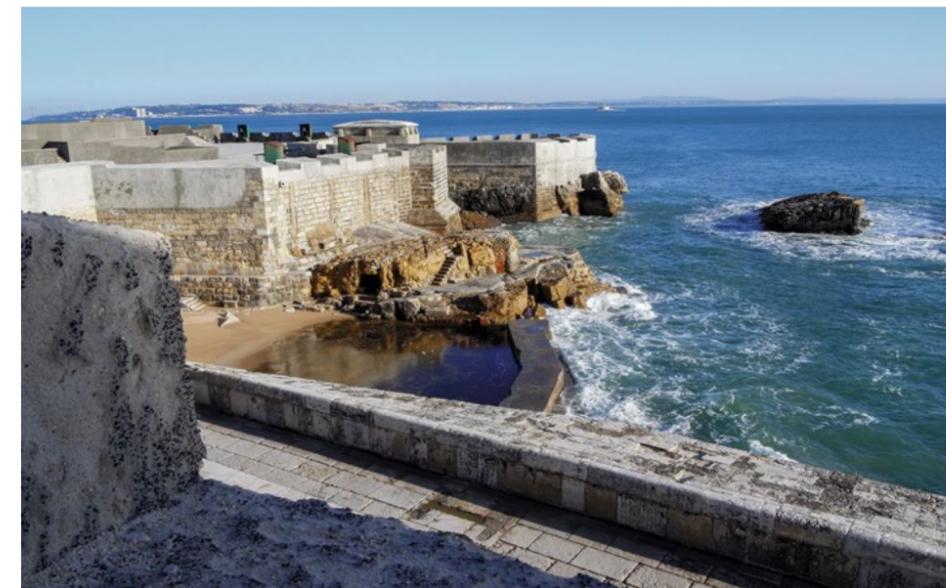
Embora o sistema defensivo da costa fosse anterior, foi com a aclamação da Casa de Bragança como reis de Portugal, em 1640, que se procedeu à realização de inúmeras construções abaluartadas, de forma a consolidar a defesa da costa no seu todo e também em pontos estratégicos, muitas vezes isolados mas de fácil desembarque e entrada no território pelos exércitos invasores. Esta nova reflexão estratégica levou à construção, sem paralelo europeu, de um notável conjunto de fortes durante os séculos XVII e XVIII, muitas vezes apoiados por cidadelas onde se encontrava o grosso da força armada, não só em Portugal continental, como também no espaço atlântico, no Oriente, em África e no Brasil.



Forte Velho, dentro da Fortaleza de Peniche.



Forte de São Filipe, em Setúbal.



Fortaleza de São Julião da Barra, em Oeiras.

1.ª LINHA DEFENSIVA



A primeira linha tinha por função defender e impedir o desembarque dos invasores, começando o nosso percurso desde a praça-forte de Caminha até ao castelo e muralhas de Castro Marim.

MURALHAS, BALUARTE E PORTA DE CAMINHA



IIP, 1970. Importante praça-forte de cariz medieval, onde se destaca a igreja matriz com gárgulas no exterior e teto mudéjar no interior. Do seu castelo e muralhas medievais, desenhadas por Duarte Darmas em 1510, nada resta, exceto a Porta da Torre do Relógio. A partir de 1654, foi-lhe gravada uma lápide evocativa à sagração de Nossa Senhora da Conceição como padroeira e rainha de Portugal, com escultura em pedra e coroa em metal. No centro urbano, destaque para o notável conjunto manuelino, atestando a importância económica da localidade. Do século XVII, a construção das muralhas abaluartadas obrigou ao rebaixamento da cerca velha, reaproveitando-se a pedraria para as novas construções militares, de maiores dimensões. Baluartes com guaritas voltadas ao rio e a terra. O antigo quartel-general apresenta arquitetura curiosa, com capela dedicada a Santo António Militar. Praça central com elegante chafariz.



Forte do Cão, em Vila Praia de Âncora.



Torre do Relógio, em Caminha.



Igreja matriz de Caminha com merlões e ameias manuelinas.



Centro histórico de Caminha.

Praça do Chafariz de Caminha.

Casa manuelina dos Pitas, em Caminha.



Muralha a proteger a igreja matriz de Caminha.

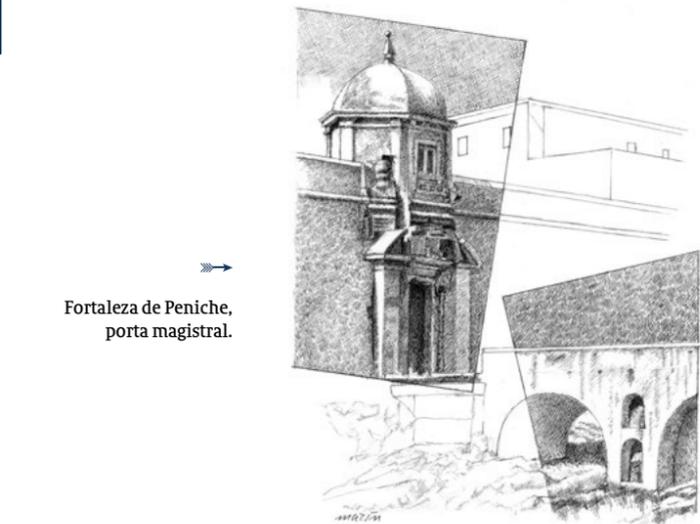
Baluarde e guarita na praça-forte de Caminha.



PRAÇA-FORTE E CIDADELA DE PENICHE

•••

MN, 1938. Construída na encosta sul da península de Peniche sobre as falésias, entre o porto de pesca e a Gruta da Furninha. Da foz da ribeira d'Atouguia acedia-se aos principais centros urbanos do reino, tornando a localidade com o mesmo nome uma das mais importantes na Idade Média, podendo rumar a Óbidos, Leiria, Torres Vedras, Santarém, Alenquer e Lisboa. D. Manuel I ordenou o reforço defensivo de Peniche com o novo sistema abaluartado, demorando as obras largos anos, e consolidado o sistema militar com a Guerra da Restauração. Durante as Invasões Francesas teve um papel importante para o exército anglo-luso. No século XX serviu de prisão política, transformada em Museu Nacional Resistência e Liberdade. O sistema defensivo estende-se ao longo de vários quilómetros, sendo reforçadas as muralhas com baluartes e revelins, sobressaindo as portas magistrais, aquartelamentos, hospital militar, igrejas e capelas para apoio assistencial aos militares e população civil. No forte sobressaem o Baluarte Redondo, a Torre de Vigia e a Capela de Santa Bárbara, padroeira dos artilheiros.



Fortaleza de Peniche, porta magistral.



Fortaleza de Peniche.

Forte Velho integrado na Fortaleza de Peniche.



FORTE DE SÃO JOÃO BATISTA DAS BERLENGAS, FORTE DA BERLENGA, FORTALEZA DAS BERLENGAS

•••

MN, 1938. Em 1513 estabeleceram-se na ilha monges jerónimos para apoio aos navegantes e às vítimas dos frequentes naufrágios e investidas dos corsários na região. Durante a Guerra da Aclamação, o Conselho de Guerra ordenou a demolição do mosteiro jerónimo, entretanto abandonado, para construção de uma fortificação para defesa do litoral. Em 1847 foi abandonada, sendo utilizada para apoio à pesca comercial. No presente é um polo de atração turística e dos amantes da natureza, que deambulam pela ilha em perfeita harmonia com a vida selvagem.

Fortaleza de São João Batista, nas Berlengas.



Fortaleza de São João Batista, nas Berlengas.

Farol na Fortaleza de São João Batista, nas Berlengas.

FORTE DE NOSSA SENHORA DA CONSOLAÇÃO

•••

MN, 1978. Construído em 1641 e terminado em 1645 sobre um pequeno promontório com planta estrelada, de quatro baluartes triangulares e cinco plataformas para as peças de artilharia. Apoiava a defesa da enseada sul de Peniche, cruzando fogos com a Praça-Forte de Peniche. Para proteger o acesso, foi-lhe escavado um fosso. A entrada é realizada por ponte levadiça, onde se releva o escudo real a uma placa de fundação. Obras de conservação e restauro vão permitir a sua visita e adaptação a espaço museológico.

**FORTE DE SANTA MARIA DA ARRÁBIDA,
FORTE DE NOSSA SENHORA DA ARRÁBIDA,
FORTE DA ARRÁBIDA,
FORTE DO PORTINHO DA ARRÁBIDA,
SETÚBAL**

...

IIP, 1977. Construído na costa norte para oeste da foz do rio Sado, integrava o sistema defensivo de Setúbal, instalando-se aí o Museu Oceanográfico após obras de requalificação e depois de ter deixado funções militares.

**FORTE DE SANTIAGO DA VILA DE SESIMBRA,
FORTE DE SANTIAGO DE SESIMBRA,
FORTE DA MARINHA, FORTE DA PRAIA,
FORTALEZA DE SANTIAGO, SETÚBAL**

...

IIP, 1977. Construído sobre a praia, tinha como objetivo proteger a povoação de Sesimbra e o seu porto, com fundamento numa fortificação edificada no reinado de D. Manuel I, requalificada na Guerra da Aclamação e estando concluída em 1648. A partir de 1712 instalou-se a sede do governo das armas da região, a que estavam subordinados os fortes da linha defensiva de Setúbal. Encontra-se recuperado para fruição turística e cultural.



← Fortaleza de Santiago, guarita, em Sesimbra.



↑ Fortaleza de Santiago, brasão real, em Sesimbra.



↓ Fortaleza de Santiago, em Sesimbra.

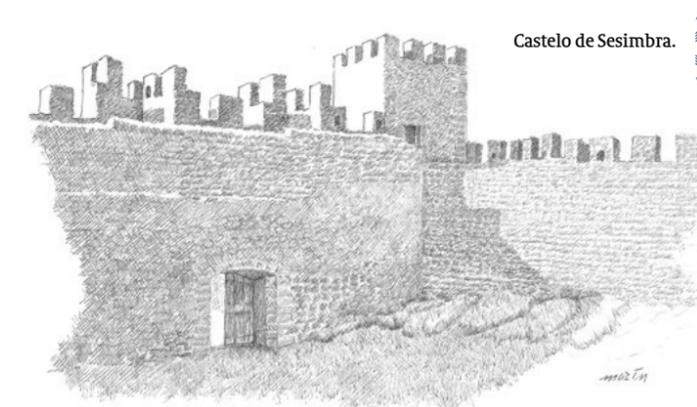
CASTELO DE SESIMBRA

...

MN, 1910. Construído numa falésia sobre uma enseada, é, por natureza, um excelente porto natural entre os estuários dos rios Tejo e Sado, a curta distância do cabo Espichel. De origem muçulmana, foi ocupado na Reconquista por D. Afonso Henriques, que reforçou as muralhas. No século XIV começou a perder importância defensiva por não obedecer aos critérios do uso da pólvora, substituído por um forte construído próximo da praia.



↑ Castelo de Sesimbra.



↑ Castelo de Sesimbra.

FORTE DE SÃO TEODÓSIO DA PONTA DO COVELO, FORTE DA PONTA DO CAVALO, FORTE DO CAVALO, SESIMBRA

...

IIP, 1978. Construído em 1648 em elevação a oeste da baía de Sesimbra, integrava a linha defensiva da costa, instalando-se em 1896 um farol. Nas imediações tinha capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição.

2.ª LINHA DEFENSIVA



Iniciamos a segunda linha defensiva em Ponte de Lima, de norte para sul, e terminamos em Castro Marim, completando a estratégia régia de forma a impedir o avanço invasor no caso de a primeira linha ser ocupada.

MURALHAS DE PONTE DE LIMA



IIP, 1945. A condessa D. Teresa de Leão, mãe de D. Afonso Henriques, outorgou carta de foral à povoação a 4 de março de 1125, sendo a vila mais antiga de Portugal. D. Pedro I ordenou a construção de muralhas com nove torres de forma a proteger o burgo, pois constituía-se fundamental para a defesa do território. Chegou a ter seis portas de acesso. Foram dotadas com uma grandiosa ponte ameada e com torres de proteção, que até aos finais da Idade Média era a única passagem segura do rio Lima em toda a sua extensão. Ao longo da sua história, muitas famílias fidalgas escolheram a vila para construir as suas casas nobres, destacando-se o paço dos marqueses no antigo castelo, onde se instalou o Centro Interpretativo Militar.

↓ Torre da Cadeia, em Ponte de Lima.



Muralha entre o casario, em Ponte de Lima. ↑

↓ Paço dos Marqueses, em Ponte de Lima.



CASTELO E MURALHAS DE BRAGA



MN, 1910. Fundada entre 15 e 13 a. C. como Bracara Augusta, a cidade foi, mais tarde, capital da província da Galécia e capital do reino suevo. Depois da ocupação árabe, a Sé foi reedificada com funções espirituais e militares, passando a ter grande prestígio na consolidação da fé e na defesa do território. As muralhas foram edificadas para proteção da cidade e das igrejas, com torres e portas magistrais. Destacam-se vários palácios e casas nobres pelo centro amuralhado, especialmente o paço episcopal, com o seu aspeto de fortaleza. Por toda a cidade encontramos exemplares arquitetónicos de caráter religioso, como igrejas, capelas e conventos. O castelo, edificado no reinado de D. Dinis, encontra-se desmantelado, resistindo apenas a torre de menagem, duas das cinco torres que protegiam o burgo, as torres de Santiago e de São Sebastião, e duas das oito portas da cidade, a de Santiago e a Porta Nova.



↑ Paço Arqueiepiscopal de Braga, atual biblioteca e Reitoria da Universidade do Minho.

→ Sé catedral de Braga, coluna com esfera armilar.



← Sé catedral de Braga.

MURALHAS DE BARCELOS

MN, 1926. Banhada pelo rio Cávado, recebeu carta de foral em 1227 pelas mãos de D. Afonso Henriques, que assim procurou chamar povoadores para a região. Foi o primeiro condado português ligado às grandes famílias nobres do reino, estando associado a D. Nuno Álvares Pereira, que recebeu o condado pelos préstimos na crise dinástica de 1383-1385, oferecendo o título ao seu genro, passando a vila a integrar o património da Casa de Bragança. Data desta altura a construção do paço condal. Em Barcelos ainda existe a casa de D. Nuno, com o brasão de armas dos Pereiras. A vila foi protegida por muralhas com três torres e portas, Torre e Porta da Ponte, que defendia o acesso pela ponte sobre o rio Cávado, Torre e Porta do Vale e Torre e Cimo de Vila, ou Porta Nova, destacando-se no desenho de Duarte Darmas, de 1510, a torre no início da ponte sobre o rio, derrubada para permitir circulação entre as margens.

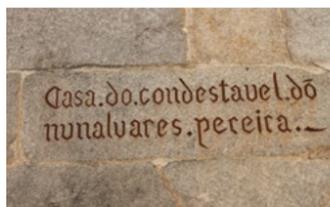


↑ Casa manuelina em Barcelos.



↑ Merlões na cobertura da Torre da Porta Nova, em Barcelos.

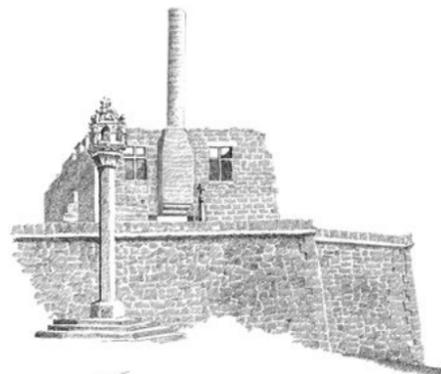
↓ Casa do condestável D. Nuno Álvares Pereira, em Barcelos.



↑ Paço ducal e pelourinho, em Barcelos.



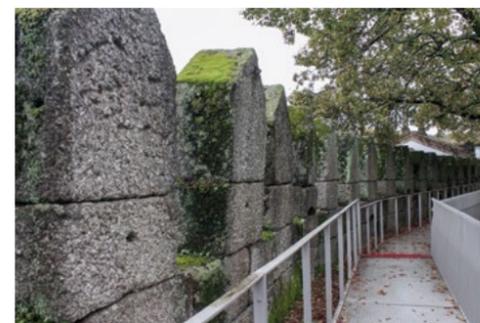
↑ Paço dos Pinheiros, em Barcelos.



CASTELO E MURALHAS DE GUIMARÃES

MN, 1881. Património Mundial da UNESCO, 2001, 2023. Desde a sua origem, está intimamente relacionado com a fundação da nacionalidade portuguesa. Berço da dinastia de Borgonha, teve antecedentes como cabeça do Condado Portucalense por D. Henrique e mais tarde pelo seu filho D. Afonso Henriques. O castelo, com torre de menagem central, mantém a configuração primitiva, embora se denotem aumentos habitacionais no pano das muralhas, com janelas e lareiras. As muralhas que rodeiam o burgo, mandadas construir pela condessa Mumadona Dias, projetam o enquadramento defensivo, que protegia, mais tarde, o Paço dos Duques de Bragança e a Colegiada, prolongando-se a cerca até ao Toural, com a Torre da Alfândega, atualmente visitável. A Praça de Santiago atesta a importância desta localidade nos Caminhos de Santiago, centro social de excelência juntamente com a Praça da Oliveira. Conjunto de espaços museológicos e centros culturais de referência.

→ Muralha de Guimarães, junto ao Museu Alberto Sampaio.



→ Muralha de Guimarães, integrada na Torre da Alfândega.



↑ Castelo de Guimarães.



↑ Praça da Oliveira, em Guimarães.

↓ Estátua de D. Afonso Henriques, em Guimarães.



↓ Muralha de Guimarães, integrada no casario.



CASTELO DE VILA DA FEIRA

MN, 1910. Implantado em local estratégico, o Castelo de Santa Maria da Feira encontra-se na confluência viária entre o Norte e o Sul na linha costeira, potenciando a defesa da região e a salvaguarda do núcleo populacional que desde cedo assentou no território. A tipologia do paço/castelo evidencia-se nas restantes estruturas edificadas em Portugal, culminando as torres com coruchéus cónicos que lhe conferem um caráter único na arquitetura militar nacional. Ao longo dos séculos foram introduzidos elementos defensivos adaptados às tecnologias militares do seu tempo, tais como troneiras e tenalha. A grande cisterna permitia o armazenamento de água para resistir a cercos prolongados. Em 1656 foi construída a Capela de Nossa Senhora da Encarnação, conferindo ao castelo um toque sublime entre o profano e o sagrado.



↑ Castelo de Vila da Feira, entrada e capela.



↑ Castelo de Vila da Feira, brasão de armas dos Pereira.



↑ Castelo de Vila da Feira, merlões com seteiras.



→ Castelo de Vila da Feira, troneira.

→ Castelo de Vila da Feira, torres com coruchéus.

↓ Castelo de Vila da Feira, escadaria com troneira.



CASTELO DE MONTEMOR-O-VELHO

MN, 1910. Construído na margem direita do rio Mondego junto à foz, era uma fortificação fundamental na linha defensiva do Baixo Mondego, considerada como o principal reduto da região. A importância estratégica manteve-se ao longo de séculos, onde no recinto permitia aquartelar até cinco mil homens de armas. Após anos de abandono, foi restaurado, mantendo as igrejas abertas, permitindo uma compreensão urbana de como terá sido intramuralhas a ocupação dos nossos antepassados. A Igreja de Santa Maria da Alcáçova, do século XI, teve diversas intervenções, destacando-se o estilo manuelino, com pintura mural, esculturas e azulejos de corda, artisticamente decorada, assim como os túmulos existentes. O Castelo de Montemor-o-Velho constitui-se como um exemplar de referência entre Coimbra e o litoral.



↑ Castelo de Montemor-o-Velho.



← Igreja de Santa Maria da Alcáçova no Castelo de Montemor-o-Velho.

↑ Castelo de Montemor-o-Velho, torre de menagem.

→ Igreja de Santa Maria da Alcáçova, interior, no Castelo de Montemor-o-Velho.

→ Castelo de Montemor-o-Velho.





Ao longo do litoral encontramos cinco linhas defensivas que têm como objetivo proteger zonas estratégicas do território, onde se localizam centros urbanos de grande dimensão populacional, e também de entrada para contingentes armados.

Se na raia as zonas que permitem a fácil mobilidade dos exércitos são, como já referimos, Valença do Minho, Brecha de Chaves, Ribacoa, Zebreira do Extremo e Elvas, no litoral temos, de norte para sul, os eixos fluviais de Valença do Minho, com o rio Minho, de Viana do Castelo, com o rio Lima, do Porto, com o rio Douro, de Coimbra, com o rio Mondego, de Lisboa, com o rio Tejo, de Setúbal, com o rio Sado, e de Castro Marim, com o rio Guadiana.

De forma a evitar a ocupação destes centros urbanos, fundamentais à defesa da linha costeira, foram construídos ao longo dos séculos diversos castelos, fortalezas e fortes, que, em rede, impediam e dificultavam a penetração nos territórios de invasores, fossem constituídos por exércitos, corsários ou piratas. Por este motivo foram definidas linhas defensivas que contavam com a geografia dos terrenos, com o clima,



← Forte de Santiago da Barra, em Viana do Castelo.

Torre de São Vicente ou de Belém, em Lisboa. ↑

Faróis nos castelos, fortalezas e fortes

No dealbar do século XIX intensificou-se, em Portugal, a construção de faróis ao longo da costa, de forma a participar na segurança das embarcações e a guiar os navios que percorriam o território ou que a ele aportavam pela noite. Muitos deles foram edificados em castelos, fortalezas, fortes e torres já existentes, emergindo com altivez das muralhas com a função utilitária de prestarem serviço às armadas e também ao público em geral, para os navios de carga e pequenas embarcações de pesca.

Farol no cabo de São Vicente, em Sagres.



Farol no Forte de Santa Marta, em Cascais.



Os faróis foram construídos em pedra ou em metal, com coloração diferenciada entre eles, sobressaindo o encarnado e o vermelho, os azuis, brancos e negros, em listras ou intercaladas as colorações que os identificam individualmente, aproveitando as casernas para nelas residirem os faroleiros e os soldados afetos ao serviço defensivo.

No presente, muitos faróis prestam serviço monitorizado, sendo possível visitar alguns exemplares para fruição cultural, como é o caso do Farol de Santa Marta, em Cascais, onde nas dependências do forte se expõem objetos antigos e modernos relacionados com a temática dos faróis em Portugal.

Há ao longo da costa portuguesa 50 faróis, 338 farolins, 148 boias, 26 balizas, 35 sinais sonoros e 56 enfiamentos, alguns deles dentro ou muito próximo dos castelos, fortalezas e fortes, de que damos testemunho pela intemporalidade das construções militares ao longo dos séculos.

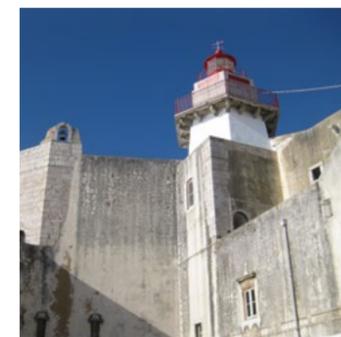
Farol em Viana do Castelo.



Farol no Forte de São João Batista ou Forte da Barra, em Esposende.



Farol no Forte de São Vicente, em Sagres.



Farol na Fortaleza de São Julião da Barra, em Oeiras.

Farol no Forte de Santiago do Outão, em Setúbal.

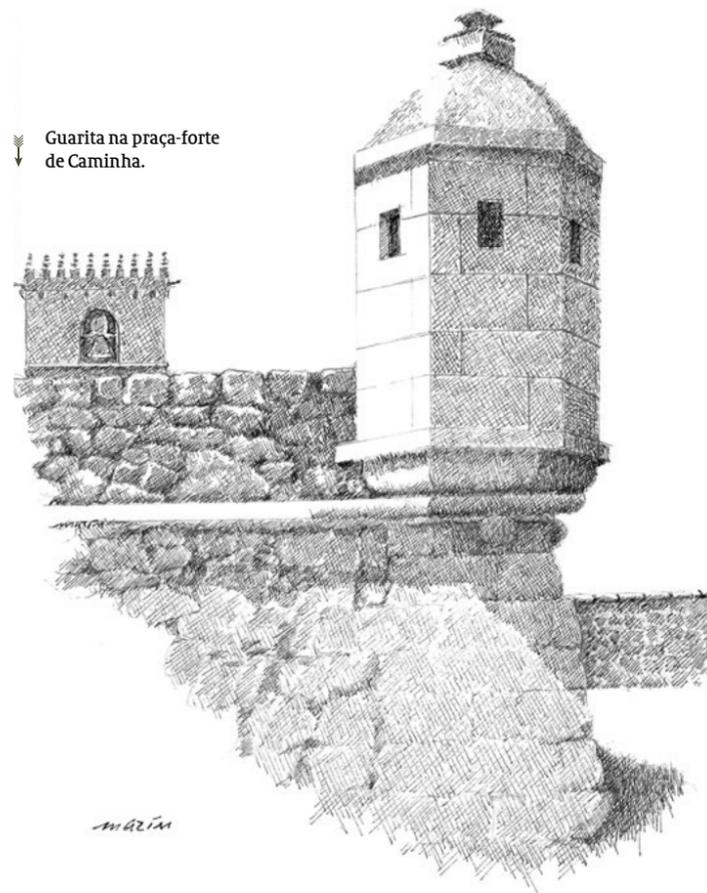
Faróis edificados em castelos, fortalezas e fortes

Farol da Ínsua (Caminha), do Castelo de Santiago (Viana do Castelo), de Esposende ou Forte de São João Batista de Esposende, de São Miguel-o-Anjo (Porto), de Aveiro ou da Barra, do Cabo Carvoeiro (Peniche), da Berlenga ou Farol Duque de Bragança (Peniche), da Nazaré ou Forte de São Miguel Arcanjo, do Cabo Raso ou Forte de São Brás de Sanxete (Cascais), do Bugio ou Forte de São Lourenço do Bugio (Oeiras), de São Julião ou Fortaleza de São Julião da Barra (Oeiras), da Torre de Belém (Lisboa), do Outão (Setúbal), do Forte do Cavalo ou Forte de São Teodósio da Ponta do Cavalo (Sesimbra), do Cabo Sardão, construído sob a atalaia do Castelo do Cavaleiro (Odemira), de Sagres e do Cabo de São Vicente ou Fortaleza de Sagres.

Guaritas

As guaritas constituem-se como um elemento de grande cenografia e utilidade na arquitetura militar, desenvolvendo-se uma tipologia própria a nível europeu destes elementos singulares que pontuam nos panos das muralhas, nos baluartes e nos revelins. A verdadeira função e objetivo das guaritas é o de proporcionar guarida aos soldados que se encontram de vigilância, contra as intempéries do tempo, quer da chuva, do frio e do calor, além de os proteger em caso de disparos exteriores. As sentinelas podem ver sem serem vistas, assim como disparar em diversas direções, minimizando os ataques, e impedir serem atingidas pelas frestas de observação.

Guarita na praça-forte de Caminha.



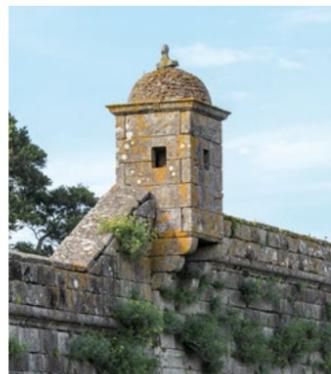
Guarita na Torre de São Vicente ou de Belém, em Lisboa.



Guarita no Forte da Giribita, em Oeiras.



Guarita no Forte de São João das Maias, em Oeiras.



Guarita no Forte de Santiago da Barra, em Viana do Castelo.



Guarita no Forte de São Jorge de Oitavos, em Cascais.

Guarita na Fortaleza de São Julião da Barra, em Oeiras.

Os formatos que inventariamos no litoral complementam-se com os existentes na arquitetura de fronteira, podendo ser redondas, quadradas ou hexagonais, convergindo a cobertura para os ângulos da sua forma, decoradas no topo com espigões ou galanterias.

A construção das guaritas é maioritariamente em pedra, podendo haver exemplares que foram construídos em tijoleira e em madeira. Em alguns fortes do litoral encontramos testemunhos de arranques de bolas, de conchas e de bacias, não restando no presente testemunhos da conclusão das guaritas como elemento funcional do sistema defensivo. Em alguns exemplares, como na Torre de São Vicente, em Lisboa, podemos ver ferragens para uso de portas em madeira, enquanto noutras não há indícios de que alguma vez tenham tido proteção contra as intempéries.

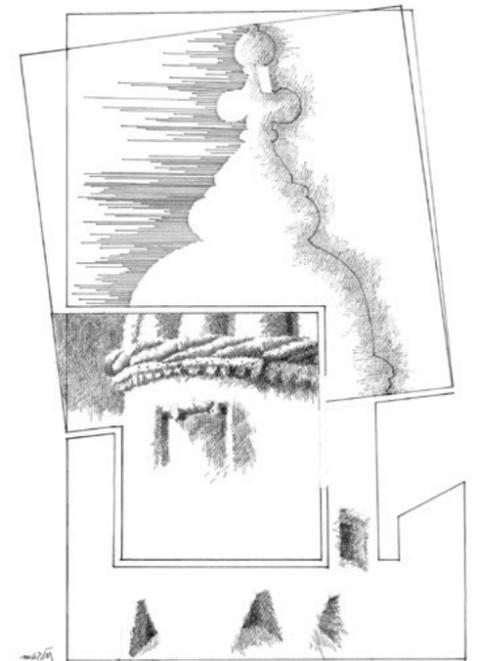


Por vezes aproveitavam-se guaritas para colocarem latrinas exteriores para os membros da guarnição, como vemos no Castelo de Santa Maria da Feira, no Forte de Santiago da Barra, em Viana do Castelo, na Fortaleza de São João Batista, na foz do Douro, no Porto, e no Forte de São Jorge de Oitavos, em Cascais, entre outros exemplares.

Na arquitetura militar, a evolução estética das guaritas não teve grandes oscilações decorativas, evidenciando-se da vulgaridade as guaritas com cúpulas gomadas da Torre de S. Vicente, em Lisboa, inspiradas na arquitetura islâmica do Norte de África.

As guaritas caracterizam-se por três componentes³, da base para a cobertura:

- Base: bola, concha, bacia e cordão;
- Guarita: guarda, porta e frestas;
- Cobertura: meia-laranja e espigão ou galanteria.



Guarita na Torre de São Vicente ou de Belém, em Lisboa.

Guarita no Forte de Santo António da Barra, no Estoril.

Paços, palácios e casas nobres

Nos centros urbanos do litoral encontramos paços⁶, palácios e casas nobres⁷ que foram edificados por reis de diversas dinastias, por aristocratas, por nobres, por fidalgos e também pela burguesia, que desta forma quiseram evidenciar o seu poder entre os pares. De grandes dimensões, os edifícios ostentam normalmente uma arquitetura bastante depurada, pois tinham como objetivo evidenciarem-se no tecido habitacional e albergar grande quantidade de residentes, quer a família, quer uma grande variedade de criados e em alguns casos de guardas para segurança, além de cavalos, de muares, coches, carros, liteiras e diversas alfaias para uso laboral.

Podemos distinguir duas tipologias destes edifícios, os construídos nos centros amuralhados ou nas suas confluências e as residências nos campos, originando a cabeça de grandes quintas geradoras da riqueza dos proprietários, associadas às comendas

militares que garantiam os proventos necessários à manutenção das casas nobres.

A imensidão destas construções, normalmente ostentando os brasões de armas das famílias nos alçados principais ou nas esquinas das casas, foi evoluindo ao longo dos tempos.

Entre os inúmeros exemplos, destacamos os paços ducais da Casa de Bragança, em Guimarães e em Barcelos, o paço episcopal de Braga e do Porto, a Casa da Carreira, em Viana do Castelo, a Casa de Aurora, em Ponte de Lima, o Palácio de Sub-Ripas, em Coimbra, os palácios Almada, Lavradio e Fronteira, em Lisboa, e a Torre de S. Sebastião⁸, em Cascais.

Muitas das famílias estavam ligadas à governação dos castelos e das fortalezas, tendo as suas casas rodeadas de terrenos, configurando-as como se fossem edifícios militares, com muros ameitados e por vezes com torres em alusão aos vetustos redutos do período da Reconquista. Vejam-se, como exemplo, o Paço de Lanheses e o Paço d'Anha nas imediações de Viana do Castelo.



← Paço d'Anha.

Casa d'Aurora, em Ponte de Lima. ↓



← Paço de Lanheses.



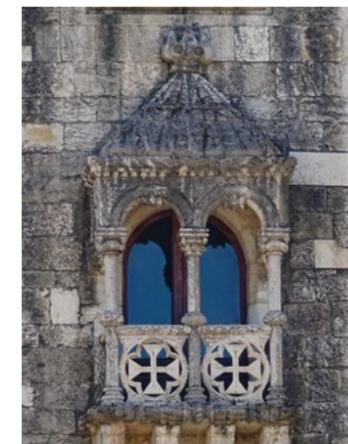
Arte manuelina

Uma das componentes estéticas que mais se evidenciam no todo edificado é a arte manuelina que integra as construções militares e religiosas, assim como os imóveis civis. O monarca D. Manuel I, que reinou entre 1495 até à sua morte, em 1521, impregnou o território com um variado conjunto de elementos associados à arte a que deu nome, recheando o litoral português com o reflexo do poder económico visível pelas obras arquitetónicas, algumas delas Património da UNESCO, como a Torre de São Vicente, vulgarmente apelidada de Torre de Belém, edificada entre 1514 e 1520.

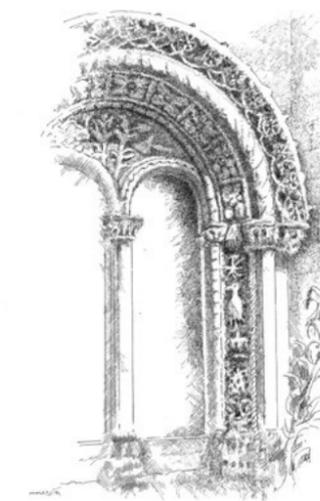
Bastaram alguns exemplos tipológicos em locais chave desta arte associada à epopeia marítima, com os concheados, as pérolas, elementos marítimos, cordames, flora e frutos, para serem replicados em inúmeros exemplares arquitetónicos. A já referida Torre de São Vicente e o Mosteiro dos Jerónimos constituem-se como modelos desta arte bem portuguesa, manifestando a aristocracia e a alta burguesia o seu gosto eclético por estes temas profusamente trabalhados, que depois replicaram nas suas moradas.

Desde a igreja de Caminha, passando pelos centros urbanos de Viana do Castelo, de Ponte de Lima, de Vila do Conde, de Barcelos, de Coimbra, de Tomar e de Lisboa, a arte manuelina projetou-se de forma vincada, como se atesta pelos inúmeros exemplares debruados nas rudes pedras graníticas, que suavizam as torres e alçados dos castelos e dos paços.

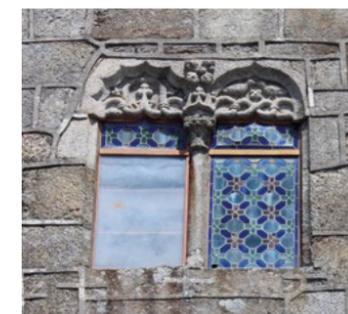
Forma decorativa, o manuelino ultrapassou a vida do monarca, continuando, mesmo que tardia, a decorar espaços militares ou de sua influência, chegando aos dias de hoje com a mesma força estética com que no passado esta nova arte se projetou aquém e além-mar.



↑ Varanda com decoração manuelina na Torre de São Vicente ou de Belém, em Lisboa.



↑ Janela geminada no Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa.



↑ Janela manuelina no Paço dos Pinheiros, em Barcelos.



↑ Porta manuelina, em Vila do Conde.



→ Janela manuelina na Casa dos Costa Barros, em Viana do Castelo.

A forma como sentimos a permanência intemporal da identidade militar no litoral sobrevive, no presente, por razões históricas através das recriações, envolvendo o passado dos castelos e das fortalezas.

Na contemporaneidade envolve-se o sentimento de pertença à portugalidade, à fantasia imaginativa dos reis, das princesas, das ordens militares, principalmente o misticismo associado aos Templários, dos combates de espadachins, das lendas e dos topónimos, por onde diariamente deambulamos e revemos páginas ilustrativas escritas nos desgastados granitos edificadas.

O nome de São Jorge transcreve-se além dos cruzados e arceiros que nos trouxeram esta devoção inglesa para Portugal, enraizado em batismo do castelo de Lisboa e em fortes na linha costeira, como o de Oitavos, em Cascais.

As lendas e expressões com que diariamente nos cruzamos constituem-se reflexo desta mesma identidade, enaltecendo o papel da vida castrense ao longo do litoral e da qual, sem disso darmos conta, nos orgulhamos.

«Por São Jorge»

Desde sempre, as hostes em conflito nos campos de batalha gritavam por um santo ou santa devocional, incentivando os homens a guerrear por um objetivo, interligando o corporal com o espiritual. Na Península Ibérica, cultuou-se Santiago para apoiar os combatentes nas lutas contra os islâmicos, surgindo inúmeras representações escultóricas nas igrejas e capelas alusivas ao apoio do santo para os exércitos cristãos.

«Santiago mata mouros» é assim conhecido em várias esculturas ao longo das linhas expansionistas da Reconquista, mas que durante a crise de 1383-1385 levantou um sério problema aos combatentes.

Os exércitos de Portugal e de Castela bradavam no mesmo campo de batalha por Santiago, deparando-se com a questão formal de qual o lado que estaria o santo a

Pormenor de painel de azulejos
Cavaleiros da Ordem de Santiago,
em Ponte de Lima.

São Jorge, em Arcos
de Valdevez.



das Rosas». Ainda hoje muitas ruas encontram-se floridas com roseiras evocativas deste milagre, que se iniciou no Castelo do Sabugal, no interior, e repetiu nos castelos de Alenquer e de Leiria, no litoral. De tal forma este evento mítico da nossa religiosidade demarcou a cultura e a mentalidade da época, que grande parte dos residentes nos castelos e fortalezas quiseram interligar-se a este milagre plantando rosas e outras flores à sua porta.

Estamos perante um palco que propicia o imaginário lendário, pelas muitas facetas bélicas e místicas que sempre acompanharam os militares. Para se entreterem nas noites frias, os soldados sentados nas casernas à volta das grandes lareiras ou nas tabernas, entre rodadas de vinho e fanfarrônicas, contavam estórias e lendas que se repetiam mais tarde nas casas de família. Atentemos que este meio foi ainda fundamental para o leva e traz de assuntos e temas lendários do que se contava nas suas aldeias, vilas e cidades.

Ao longo dos anos transmitiram-se contos, lendas e estórias, umas verdadeiras e outras não, acompanhadas de alterações que passavam de geração em geração, sempre com o acrescento de mais um feito, seguindo a tradição de «quem conta um conto acrescenta-lhe mais um ponto». Isto explica por vezes que os mesmos acontecimentos milagrosos sejam passados de

forma igual ou muito semelhante em áreas geográficas distantes, influenciadas as ideias pela transmissão dos militares que deambulavam de castelo em castelos e de fortaleza em fortaleza, não só em território continental, como também na defesa do vasto império ultramarino.

Não podemos estranhar que também em alguns edifícios militares se operaram milagres, como o que aconteceu em Moura, quando numa noite de tempestade apareceu a um temeroso soldado o Senhor dos Quartéis¹³, protegendo-o e ao seu Regimento de Infantaria, transformando-se a caserna em oratório e, mais tarde, em capela, replicado o culto do festejado milagre apareceu a um temeroso soldado o Senhor dos Quartéis¹³, protegendo-o e ao seu Regimento de Infantaria, transformando-se a caserna em oratório e, mais tarde, em capela, replicado o culto do festejado milagre

As construções militares, além de cumprirem com a defesa, extravasaram as suas funções bélicas, constituindo-se como um dos grandes repositórios das lendas e estórias que engrossam o imaginário destes confrontos ao longo dos tempos. Inicialmente contadas por via oral pelos jograis, passaram a escrito com pequenas variantes no seu todo, mas que contextualizam a necessidade régia pela exaltação de uma sociedade em formação e afirmação, perante mulcumanos e depois entre os reinos cristãos.

De forma a exaltar a «alma» do combatente pelos valores e identidades culturais e nacionalistas, algumas das mais interessan-

tes vivências patrióticas incidem no combatente que dá a vida pelo grupo, ou seja, pelo reino. As formas destes combates podem ter diversas vertentes e personagens, realizadas entre duas pessoas do mesmo sexo que identificam um grupo, ou por conjuntos, com hostes opositoras.

Escolhemos oito lendas que se completam e permitem contextualizar a riqueza imaginativa dos seus atores ao longo do litoral, desde o período da romanização, com a Lenda do Rio Lethes, em Ponte de Lima, ou à formação de povoados, como a Lenda do Rio Ave e a Serra da Cabreira, em Vila do Conde. O período da Reconquista foi também desenvolvido entre conquistas, como a Lenda do Mouro Al-Pal-Omar, em Pombal, a Lenda de Martim Moniz, em Lisboa, e a Lenda de Aljezur, e amores entre mouros e cristãos, como a Lenda da Dona Branca, em Silves. As guerras entre Portugal e Castela e mais tarde com Espanha sempre tiveram os seus heróis, destacando-se a Lenda do Alcaide de Faria, em Barcelos. No campo religioso, apresentamos a Lenda da N.ª Sr.ª da Escadinha, em Aveiro, para justificar a construção de edifícios religiosos. Além de muitas outras referências, as lendas e histórias que apresentamos constituem-se um exemplo da riqueza existente em território nacional, especialmente ao longo do litoral, representadas na arte escultórica e pictórica, especialmente em azulejaria.

Lenda do Rio Lethes – Ponte de Lima

Conta a lenda que, em certa ocasião, Décio Júnio Bruto, comandante das legiões romanas, chegou às margens de um rio desconhecido. Ao observarem a serenidade da paisagem e a pureza cristalina das suas águas, os seus soldados começaram a acreditar que estavam diante do temido rio Lethes, o mítico «rio do esquecimento». Segundo a tradição, aquele que ousasse atravessá-lo perderia todas as suas memórias, esquecendo-se para sempre da família e da pátria.

O destemido legionário, porém, não se deixou abater por tais superstições. Determinado a seguir em frente, procurou um local

seguro para a travessia e ordenou que os seus homens o acompanhassem. No entanto, o medo tomou conta das tropas, que, temendo os supostos poderes do rio, se recusaram a seguir a ordem.

Diante da hesitação dos seus soldados, Décio Júnio Bruto, num gesto audacioso, arrancou o estandarte da legião das mãos de um soldado e, com firmeza, esporeou o seu cavalo, entrando no rio com determinação. A visão do seu comandante, avançando impávido pelas águas, causou pavor entre os homens, que acreditavam estar prestes a testemunhar o esquecimento completo do seu

líder. Para surpresa de todos, ao alcançar a outra margem, Bruto virou-se e chamou cada um dos seus homens pelo nome, provando que a sua memória permanecia intacta.

Convencidos pela coragem e pelo exemplo do seu líder, os soldados, finalmente, atravessaram o rio Lima, continuando a sua marcha vitoriosa. Desta forma, a lenda do rio do esquecimento havia sido desmentida e Décio Júnio Bruto seguiria para a glória, conquistando terras que hoje correspondem à Galiza, e passaria à história com o título de o *Galaico*, como o conquistador dessas terras.

LMF



Lenda do Rio Lethes de Ponte de Lima, em tapeçaria de Portalegre.

Provérbios, expressões e ditados militares

Encontramos na língua portuguesa uma série de provérbios, expressões e ditados com alusões aos combatentes, à vida castrense e à arquitetura militar, entre outros, que ainda são proferidos no domínio comum e aplicados em contexto diário, reforçando o papel social de que as vivências bélicas continuam vivas nas comunidades. Muitas vezes, de forma generalista, não há conhecimento da sua origem nem da sua verdadeira aplicabilidade, mas que em contextos de circunstância evocam-se para enfatizar a objetividade do emissor face aos recetores com diversos provérbios.

A variedade é grande e a panóplia dos conceitos que se pretendem abarcar é vasta e encontram-se praticamente para cada situação que se pretenda contextualizar, desde a geográfica, climática, humana, social, política, arquitetónica, ganância, estratégia, honra, amorosa, religiosa, sarcasmo, entre outras particularidades.

No presente, há provérbios para os três ramos das Forças Armadas, cingindo-nos essencialmente às expressões que abordam o Exército e a Marinha coetâneos dos castelos e fortalezas. Os temas que apresentamos constituem-se como exemplo de como a vida castrense interferiu, ao longo dos tempos, com as vivências no dia a dia das populações, que com o saber erudito e popular transpôs para a língua sentimentos, preocupações e verdades da nossa existência. Muitos deles perduram no tempo, outros utilizam-se menos e alguns esvaíram-se na temporalidade por falta de transmissão oral e que a modernidade linguística remeteu para o esquecimento.

Em boa altura Madeira Grilo¹⁴ recolheu e deixou escrita uma obra fundamental para o estudo dos provérbios, base para o que esquetizamos para evocar a importância castrense no quotidiano. Alguns provérbios, expressões e ditados traduzem a clarividência de tal forma compreensível pelo cidadão comum que não justifi-

ca qualquer explicação, enquanto outros é necessário conhecer de facto a sua origem e significados, motivo pelo qual damos a sua interpretação.

Amorosos

A SOLDADO E A SACRISTÃO. NÃO HÁ AMOR QUE LHES RESISTA | *Pela itinerância dos jovens soldados de localidade em localidade, em plena idade casadoira, eram motivo de relações amorosas, acabando muitos por casar e constituir família, contribuindo para o aumento populacional do território.*

CAÇA, GUERRA E AMORES: POR PRAZER MIL DORES | *O mesmo que «Guerra, caça e amores, por um prazer, cem dores».*

Arquitetura

EM MURALHA CADENTE NÃO SE APOIA O PRUDENTE | *Apelo à necessária e constante conservação e restauro do sistema amuralhado.*

Crenças

O MAU-OLHADO MATA MAIS QUE VINTE ESPADAS | *O sentimento do inexplicável associava muitas vezes o mau-olhado à inveja, atribuindo contratempos pessoais e familiares a esta circunstância do sobrenatural.*

Climáticos

ABERTO PARA CASTELA. CHUVA PARA TERRA | *Alusão ao mau tempo que assola muitas vezes Trás-os-Montes e a Beira Alta pelas depressões que vêm de Castela.*

CHUVA CIVIL NÃO MOLHA MILITARES | *Referência a que mesmo com pequenas ou grandes intempéries os militares cumprem os seus objetivos sem questionar as ordens.*

DEPOIS DA BATALHA VEM A BONANÇA | *O mesmo que «Depois da tempestade vem a bonança».*

Diplomáticos

A BOA GUERRA FAZ A BOA PAZ | *O mesmo que «Boa guerra faz a paz».*

A ESPADA VENCE E A PALAVRA CONVENCE | *Nem sempre o poder das armas é mais forte que o bom senso das palavras. Embora o armamento seja um elemento de persuasão, o poder diplomático é, muitas vezes, fundamental para evitar os conflitos.*

A GUERRA E A CEIA. COMEÇANDO, SE ATEIA | *Expressão similar ao provérbio «Tudo está no começar».*

À MULHER A ROCA E AO MARIDO A ESPADA | *Segregação entre o masculino e o feminino que desde a Idade Média atribuiu aos homens a participação na vivência militar e à mulher o papel de cuidadora da casa e da família.*

DA GUERRA. O DANO VEM CEDO E TARDE O PROVEITO | *Efetivamente, um conflito armado destrói vidas e património, desestabilizando a economia e a sociedade, que tardiamente se recuperam.*

ESPADA POR ESPADA, LANÇA POR LANÇA | *Com base na lei de talião, em que se refere «Olho por olho, dente por dente». Quando atacados por espada e lança, podemos responder da mesma forma.*

GUERRA AVISADA NÃO MATA SOLDADOS | *O mesmo que «Quem te avisa teu amigo é».*

QUEM SABE CALAR, EVITA GUERREAR | *Prudência verbal evita muitos conflitos.*

SE QUERES PAZ, EVITA A GUERRA | *A guerra evita-se através do diálogo e canalizando energias para promover a paz.*

VALE MAIS UMA SARDINHA COM PAZ DO QUE UMA GALINHA COM GUERRA | *Vale mais ter menos em tempo de paz do que muito em tempo de guerra.*

Estratégia

EM TEMPO DE GUERRA, MENTIRAS COMO TERRA | *O mesmo que «Em tempo de guerra, mentiras por mar, mentiras por terra», referindo-se à espionagem e contrainformações, práticas desenvolvidas pelos exércitos em confronto.*

QUEM POUPA O INIMIGO ÀS MÃOS LHE MORRE | *Justificação para matar sem apelo os inimigos em campo de batalha e os prisioneiros, o que levou à criação de normas jurídicas.*

SERÁ MELHOR UMA ABELHA DO QUE UM EXÉRCITO DE VESPAS | *O mesmo que «Um bom general vence um fraco exército».*

Ganância

A BALAS DE PRATA E BOMBAS DE OURO RENDEU A PRAÇA AO MOURO | *Alusão às práticas de suborno que muitas vezes ocorriam durante os cercos, «comprando-se» algum dos sitiados, que sabotava a defesa a troco de ouro, prata, cargos e honrarias.*

DE SOLDADO QUE NÃO TEM CAPA, GUARDA A TUA NA ARCA | *Sobre os saques praticados ao longo dos séculos pelos soldados.*

QUEM TEM TERRA, TEM GUERRA | *Sobre a inveja de quem tem propriedades e que motiva discórdia entre os vizinhos.*

Gastronómico

JANTAR SEM VINHO, ESCOPETA SEM PÓLVORA | *«Escopeta», palavra antiga sinónimo de espingarda.*